



O TURISMO E A FOLIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM PIRENÓPOLIS/GOIÁS

Diógenes Alves Stival¹

Universidade Estadual de Goiás
Pirenópolis, Goiás, Brasil
diogenes.stival@ueg.com

Rosana Romenia Fernandes Leal²

Universidade Estadual de Goiás
Pirenópolis, Goiás, Brasil
rosanaromenia@hotmail.com

Resumo: As Folias em homenagem ao Divino Espírito Santo que acontecem em Pirenópolis, atualmente são três: a tradicional, que surgiu, segundo informações, há quase duzentos anos; a Folia da Rua, que de acordo com alguns relatos data da década de 1950 e é a única que gira somente pelo espaço urbano, e a Folia do Padre, que foi criada por um pároco que passou pela cidade no início do século XXI, com a função de desarticular a mais tradicional das Folias. As Folias do Divino Espírito Santo, como melhor são compreendidas pela comunidade, apresentam algumas peculiaridades que as tornam, também, atrativos para visitantes — religiosos ou não. É por meio desta dinâmica de atrair pessoas que não são ligadas diretamente às práticas ritualísticas das Folias que se pretende aqui analisar estas manifestações festivas, por meio de observações de campo realizadas no ciclo de Pentecostes deste ano (2013). O intuito é verificar as relações existentes ou possíveis entre as Folias e o Turismo, uma vez que Pirenópolis é uma cidade turística e Patrimônio Nacional e a Folia está dentro do conjunto de manifestações registradas, da Festa do Divino, como Patrimônio Cultural do Brasil.

Palavras-chave: Folia; Turismo; Pirenópolis

¹ Especialista em Turismo Rural. Professor colaborador no projeto: “Girando Folia: apontamentos turísticos e gastronômicos em uma das devoções ao Divino Espírito Santo – Pirenópolis/Goiás”, coordenado pelo professor Dr. João Guilherme da Trindade Curado, e também no Projeto: “Arte e saberes nas manifestações católicas populares” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — Fapeg.

² Graduanda em Tecnologia em Gestão de Turismo. Acadêmica vinculada a Universidade Estadual de Goiás por meio do Programa de Bolsa de Iniciação Científica PBIC/CNPq pelo projeto: “Girando Folia: apontamentos turísticos e gastronômicos em uma das devoções ao Divino Espírito Santo – Pirenópolis/Goiás” e também ao Projeto: “Arte e saberes nas manifestações católicas populares” aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — Fapeg.

Pirenópolis surgiu no período da mineração (JAYME, 1971) e por isso mantém inúmeras características daquele período compreendido no século XVIII, tanto na arquitetura, no urbanismo inicial da antiga Meia Ponte, quanto também nos aspectos ligados às devoções, o que se materializou na construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (JAYME; JAIME, 2002).

A Igreja Matriz é o ponto fundamental de religiosidade e também de sociabilidade, uma vez que o catolicismo, sendo religião oficial acabava por unir os devotos nas missas dominicais, mas em especial em momentos festivos (LÔBO; CURADO, 2008).

Por outro lado, a Igreja Matriz é atualmente o mais representativo “cartão postal” de Pirenópolis, tal apropriação tem sido cada vez mais estimulada pela atividade turística. No entanto, parece contraditório o fato da comunidade jovem local apropriar-se deste mesmo espaço para encontros com a finalidade de conversar e também ouvir e tocar música.

A Igreja Matriz que se caracterizava como ponto de interseção entre as estradas que ligavam a antiga Meia Ponte à cidade de Vila Boa, primeira sede administrativa de Goiás, e por sentido oposto, o pequeno núcleo urbano à Salvador, primeira capital brasileira, lhe confere uma centralidade também terrestre e de deslocamentos, movimentos que aqui serão abordados por meio das Folias e também das atividades turísticas.

A Folia do Divino em Pirenópolis

A Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis é uma das mais importantes manifestações culturais em homenagem ao Divino Espírito Santo da localidade e possui extrema representatividade no contexto nacional, uma vez que reúne uma série de festividades, que abrangem não só a fé, mas também as devoções e ainda aspectos ligados à diversão. Dentre as várias manifestações que esta festa promove, destacaremos as Folias do Divino que acontecem em momentos anteriores ao Domingo de Pentecostes que é considerado o ápice da Festa.

As Folias, presentes no Brasil, desde os momentos iniciais da colonização, possuíam segundo Câmara Cascudo, um aspecto precatório que não se via em Portugal (2012, p. 305). Talvez, por esta peculiaridade característica tal manifestação é bastante reprimida pela Igreja em alguns períodos, uma vez que a “esmola” doada era destinada como auxílio ao Imperador — condutor da festa, escolhido anualmente por sorteio — e não os cofres eclesiásticos. Assim a questão envolvendo as finanças vão ser importantes colaboradores para que a Igreja impusesse normativas de controle sobre as Folias do Divino pelo Brasil afora.

É recorrente, pela oralidade, as narrativas de que existiam inúmeras Folias do Divino que circulavam pelo território pirenopolino em tempos antanho. Mais recentemente, após inúmeros conflitos, existem atualmente três Folias em homenagem ao Divino Espírito Santo que acontecem em Pirenópolis, a saber: a Folia da Roça ou tradicional, a Folia da Rua e a Folia do Padre, sobre as quais esboçaremos alguns comentários, relacionando-as com as atividades turísticas do município.

Antes, porém de discorrermos sobre cada uma das modalidades de Folia existentes em Pirenópolis, faremos um breve relato sobre as estruturas das Folias que são promovidas pelos pirenopolinos.

Em geral a Folia é organizada inicialmente em locais denominados como juntamento ou levantamento, que significam reunir os foliões para que a Folia possa ser organizada e que saia para fazer o trajeto anteriormente proposto, tal movimento circular, partindo do oeste, passando pelo sul e chegando a leste é denominado por “giro”. É durante o “giro” que acontecem os Pousos de Folia, ou seja, os momentos em que a Folia para em determinados locais, também previamente agendados, para que os foliões descansem. Nestes locais há toda uma ritualidade, desde a chegada até a saída. São os pousos que recebem pessoas que não são foliões, sendo o espaço de integração mais festivo e que abordaremos quando nos referirmos às atividades relacionadas ao turismo.

Como visto acima, uma das funções principais das folias são o recolhimento de donativos para as celebrações dos dias principais da festa, o que pode se materializar em ajudas financeiras, doação de animais a serem consumidos como gado, porcos e galinhas, mas também tem um caráter social em que as Bandeiras convidam as pessoas para participarem dos momentos festivos seguintes e a atividade primordial dos “giros” que é divulgar a fé no Divino Espírito Santo.

Em Pirenópolis as Folias do Divino em suas dinâmicas organizacionais possuem um caráter de sociabilidade contando com a participação de pessoas das mais variadas classes sociais da comunidade, fortalecendo e nutrindo as relações entre os pirenopolinos e criando um significativo vínculo entre os participantes enquanto foliões. Ainda se levarmos em conta o caráter individual que a sociedade normalmente se propõe, podemos observar os espaços festivos como locais que possibilitam a produção de interações e integrações entre pessoas que cotidianamente não convivem com a mesma proximidade alcançada durante o “giro” da Folia.

O costume devocional de homenagear o Divino Espírito Santo vem dos nossos antepassados colonizadores portugueses; no entanto encontram-se festejos bastante parecidos em várias partes do país, porém em cada região é possível perceber suas peculiaridades, principalmente pelos aspectos dos rituais manifestos pelas diferentes comunidades.

Um dos símbolos principais da Folia é a bandeira de cor vermelha com a representação de uma pomba branca que pode se materializar em forma de pintura ou bordado. Os Pousos de Folias são geralmente pré-estabelecidos e alguns deles são bastante tradicionais, arrastando multidões no dia em que acontece.

O requisito principal para o proprietário dar um Pousos de Folia em sua Fazenda é simples: fé no Divino Espírito Santo. Depois é necessário que o pousos seja dado de boa vontade. Partindo daí inicia-se um longo trabalho entre a comunidade, os familiares e os vizinhos do local em que acontecerá o pernoite das Bandeiras do Divino.

Naquela propriedade em que acontecerá o pousos é construído, anteriormente, toda a estrutura provisória para acomodar não só as Bandeiras e todos os foliões, mas também as pessoas que ajudarão na produção de alimentos a serem servidos em diversos momentos festivos. Para tanto são providenciadas coberturas, geralmente ranchos de palha destinados ao refeitório e para a improvisada cozinha. Banheiros são abertos em localizações estratégicas na proximidade com a casa principal. Outras providências necessárias são: a ampliação do fornecimento de energia elétrica, a solicitação de alvará junto à prefeitura e também os requerimentos para a presença de corpo de bombeiro e policiamento militar.

Os foliões devidamente uniformizados, antes mesmo da saída da Folia, um mecanismo utilizado para diferenciá-los dos demais partícipes, recebem ainda uma pequena medalha que afixam na lapela do bolso da camisa ou do chapéu, indicando que é um folião “divisado”, ou seja, que recebeu uma “divisa” com o símbolo do Divino; tais medalhas são geralmente bentas pelo padre.

Assim os foliões partem e dão início ao “giro”, que acaba por estabelecer um forte convívio entre eles e que quando se reencontram em anos posteriores também por ocasião da Folia, é perceptível a forte emoção que os une pela festa e pela fé. Os foliões seguem o “giro” com muita cantoria, de casa em casa, povoado em povoado, fazenda em fazenda. Levando fé, emoção e divertimento por onde passam.

Uma das regras deste ritual é nunca voltar pelo mesmo caminho, assim sendo o giro é previamente planejado e analisando, observando a distância entre cada local de pousos. Durante os “giros” quem carrega as bandeiras são os Alferes — encargo máximo dentro de

uma Folia. Assim como em todo ritual, a Folia é coberta de superstições e interditos, uma bastante curiosa é o caso das bandeiras, que são duas e não devem se cruzar nunca durante o “giro”. Quando os foliões fazem as filas, são orientados pelos Alferes para tomarem muito cuidado para que não aconteça, em hipótese alguma, o cruzamento das Bandeiras.

Durante o “giro” quem são os responsáveis simbólicos para a pedida do pouso nas fazendas são os músicos, que chegam cantando os versos de acolhida da Folia, junto ao arco montado à frente da casa pelos proprietários. Ali os foliões ficam por um bom tempo descrevendo os elementos presentes na alegoria do arco e é só após o aceite ritual do proprietário que o Alferes da Folia entrega ao proprietário da fazenda e seus familiares as bandeiras da Folia, este é um dos momentos rituais mais importantes, pois representa o “rito de passagem” que de acordo com Van Gennep (2011) representa a transposição de *mundos*, o que acontece também mediado pelos cânticos de chegada dos foliões.

O local de chegada se encontra quase sempre ornado e preparado para o recebimento dos foliões. Alguns proprietários têm o costume de guardar um “segredo” para presentear os foliões, a identificação da presença deste segredo/presente é percebida quando nota a presença de uma xícara dependurada no arco de entrada. Geralmente a asa da xícara é que indica a direção em que uma garrafa de cachaça se encontra enterrada. Neste caso o presente/segredo deve ser procurado e encontrado, caso contrário a bandeira da Folia não segue e o pouso não acontece. Enquanto os regestes, segundo cargo na hierarquia da Folia, procuram os músicos ficam junto ao arco cantando.

A bandeira sempre é colocada no altar pelas mãos dos donos da casa, neste altar normalmente se encontra imagens dos santos de devoção da família, mas também é recorrente fotografias de familiares, velas, flores e bíblias. Os improvisados altares são cobertos por toalhas vermelhas ou brancas e possuem ainda vegetações semelhantes às dos arcos, e que às vezes possuem imagens da pomba do Divino. É interessante notar que ao passar em frente ao altar os foliões, em momentos ritualísticos ou não, retiram os chapéus da cabeça e fazem reverência às bandeiras ali dispostas.

Em um amplo espaço planejado à frente da casa que abrigará o altar são realizadas outras cerimônias ritualísticas que são imprescindíveis para as Folias que acontecem pelo município de Pirenópolis: o pedido de esmolas em que todos os presentes podem, por alguns poucos instantes, demarcadas pelas cantorias de um verso, segurar uma das bandeiras e de joelhos ao chão realizar seus pedidos ou preces de agradecimentos para o Divino Espírito Santo. Em seguida, no mesmo espaço, acontece a apresentação da “Dança do Xá”, uma

variação da catira que tem por objetivo distribuir entre os dançantes um pouco do presente/segreto que fora descoberto. É só depois destas apresentações que é servido a janta do pouso.

Os alimentos da janta do pouso são muito fartos, independente da situação financeira do proprietário da casa, pois a comunidade, representada principalmente pelos amigos e pelos familiares, se une em prol da preparação e elaboração das refeições que se dividem entre: a janta, o café da alvorada e o almoço do dia seguinte.

Os alimentos são preparados na própria fazenda, alguns com antecedência e outros em instantes antes de serem servidos. Em todos os momentos a hierarquia do servir privilegia os foliões, pelos encargos que possuem. Só em seguida os demais partícipes que ali encontram se aproximam da grande mesa para se servir.

Após a janta os foliões proferem os cânticos de agradecimento de mesa, pedindo, ainda, bênçãos para os donos da casa. Neste momento as bandeira voltam à cena durante os cantos de agradecimento. São carregadas pelos proprietários da casa em que o pouso aconteceu.

Depois se iniciam os pedidos de esmolas para o Divino Espírito Santo, que se estende conforme a participação das pessoas. Quem doa recebe um verso dos músicos, o doador também pega a bandeira e a beija e depois entrega qualquer quantia de dinheiro.

Ao término do pedido de esmolas inicia-se um grande bailão com muito forró, neste momento é notada a presença de muitos visitantes e não apenas dos foliões. Uma multidão chega juntamente com vendedores temporários de bebidas e comidas e permanecerão ali, em festa até por volta das quatro horas da madrugada, pois às cinco horas tem início a alvorada dos foliões.

Folia da Roça, Folia da Rua e Folia do Padre

Como mencionamos anteriormente e também descrevemos os aspectos ritualísticos entre as três Folias que “giram” em Pirenópolis por ocasião das festividades ligadas ao Divino Espírito Santo pouco se diferem. Mas vale resaltar que as diferenças existem e que por algumas razões as Folias acabam sendo priorizadas por públicos específicos.

A mais antiga Folia, de acordo com a tradição oral local, é a Folia Tradicional que “gira” pela área rural em que os foliões realizam o trajeto montados em equinos. A Folia

“gira” durante o dia, passando em fazendas e povoados reservando à noite para os “pousos” que se constituem como paradas destinadas estrategicamente para a alimentação, a festa e o descanso.

Os partícipes foliões geralmente usam uniformes, que são alterados a cada um ou dois anos, de acordo com os interesses dos Alferes e dos demais foliões. O uso de chapéus não é meramente ornamental, pois durante o dia protege contra o sol enquanto que durante a noite afasta o sereno. Além, é claro, de contribuir para uma caracterização rural, predominante durante a Festa do Divino.

Outro ponto importante a ser salientado é que a Folia Tradicional é a Folia que mais exige uma estrutura logística para sua realização, uma vez que aglutina o maior número de participantes. Talvez por isso mesmo os foliões preparem seus próprios acampamentos, inclusive com cozinhas. Também chama a atenção a grande presença de comerciantes temporários de comidas e de bebidas que se espalham pelas áreas próximas a que acontece o forró, ou para muitos desatentos com os rituais festivos, que denominam a ocasião de “pouso de folia”, pois só possuem conhecimentos dos momentos em que o som mecânico está ligado e chamando todos a dançar, geralmente aos pares.

A Folia da Rua acontece na área urbana, daí a analogia da nomenclatura, é pouco conhecida, estudada e seguida. O grupo de foliões é pequeno e o “giro” se dá por diversos bairros da cidade, dificilmente há um pouso da Folia da Rua no centro, espaço também evitado pelos foliões durante os deslocamentos. Tal folia “gira” durante o dia e quando parando para o almoço em uma casa e para a janta em outra casa. Todo o trajeto é feito a pé e também contam com uniformes.

A Folia da Renovação Cristã, mais conhecida como Folia do padre, uma vez que foi o pároco que a instituiu, há pouco mais de uma década, é uma Folia que tem atraído um grande número de jovens, por haver, teoricamente, proibição de consumo de bebidas alcoólicas por parte dos foliões, o que acaba por contribuir com as autorizações dos pais para que os filhos sejam jovens foliões.

É ainda um diferencial da Folia do Padre a celebração de uma missa ao entardecer, caracterizando esta Folia como a única a contar com a presença de um representante da Igreja a cada dia do “giro”. Outro fato característico é a ausência do “forró” após o agradecimento de mesa e pedido de esmolas, o que afasta a população que prefere a festa. Não há ainda a presença do comércio temporário. No entanto, é uma Folia bastante concorrida entre os católicos praticantes e que vem crescendo a cada ano. Contam com uniformes e por “gitar”

antes das demais Folias que acontecem em Pirenópolis é comum identificar foliões que participam da Folia do padre e da Folia Tradicional.

Folia e Turismo

Quando o assunto é o papel de turismo em manifestações culturais, as opiniões geralmente são bastante divergentes. Alguns autores avaliam o interesse turístico como incentivador da cultura, já outros se mostram receosos, pois temem a descaracterização das manifestações culturais uma comunidade.

A respeito deste assunto Margarita Barreto diz:

a recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para os turistas, leva numa etapa posterior, inexoravelmente à recuperação da cor local e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar cada vez mais esse passado (BARRETO, 2001, p. 47).

Por outro lado interpretativo Melo define o processo das festas como “fenômeno de natureza sócio-cultural a festa permeia toda a sociedade, significando uma trégua no cotidiano rotineiro e na atividade produtiva. Sua natureza é intrinsecamente divisional, comemorativa, pautando-se na alegria e pela celebração” (MELO, 2002, p. 110).

Atualmente se observarmos o contexto no qual o mundo se encontra podemos inferir que uma das características da modernidade seria o que denominamos como sendo o transitório, em que se encontra um estilo de vida linear e bastante direcionado. Olhando para esse aspecto não há como negar que o turismo pode contribuir muito para a revitalização de aspectos voltados para a memória coletiva, despertando maior interesse para essas manifestações culturais, que estão quase sempre ameaçadas pelos novos contextos pautados pela pós-modernidade.

As Folias do Divino em Pirenópolis continuam atraindo público das mais variadas faixas etárias, uma vez que a transitoriedade de gerações e de espaços contribui para a manutenção desta manifestação. Outro aspecto que vale a pena ressaltar é a presença cada vez mais intensa dos poderosos meios de comunicação da cultura de massa, que pode ser visto como ameaças por uns, mas que para outros pode gerar, no caso das Folias um grande interesse do turista cultural (ou melhor, visitante, já que não realizam pernoite), que valorizam e propõem a preservação dos valores locais.

E quando se diz respeito a especulação das feiras sofridas por conta da exploração turística, pode-se dizer que elas acabam ganhando uma representação mais elaborada, e portanto mais complexa. Abrindo espaço para que o tradicional ganhe meio e expressão bastante amplos, permitindo assim que as festas contenham também parte de sua história redinamizando o imaginário e os valores.

No entanto, há de se lembrar, ainda que a vivência e convivência entre moradores e visitantes podem trazer o respeito à solidariedade para com as populações locais, modificando muitas vezes as visões que o visitante tem do visitado. Rita Mendonça diz que “é preciso que o turismo possibilite alguma relação mais direta, em que a vivência represente uma relação de troca, de aprendizado, de respeito” (MENDONÇA, 1996, p. 21). Outra observação interessante foi proposta por Murta e Albano: “o turismo como prática econômica precisa, no entanto, encontrar formas mais respeitadas de se inserir no cotidiano das comunidades receptoras” (MURTA; ALBANO, 2002, p. 10).

Durante os dias da Folia a população pirenopolina compartilha a festa com a vida cotidiana, estabelecendo novas relações sociais. A festa traz um clima diferente para a localidade, um clima descontraído e despreocupado. Sendo assim a própria comunidade busca em seu movimento de expansão, a mídia como aliada para assim obter mais valorização por meio de divulgações.

A população se enche de orgulho, o que acaba por trazer brilho e vida à festa. Por isso é importante destacar que o planejamento para o desenvolvimento turístico tenha a colaboração da população. A significativa quantidade de turistas trará sem dúvidas inúmeros problemas, sendo alguns, não tão fáceis de serem resolvidos. Por isso Mendonça recorrerá mais uma vez a Mendonça que adverte dizendo que “é importante que os planejadores de novos pólos e centros turísticos comecem a levar em conta estas populações e elaborar, juntamente com elas, o plano de desenvolvimento local” (1996, p. 21).

Considerações Finais

As Falias em devoção do Divino Espírito Santo que acontecem em Pirenópolis são manifestações bastante concorridas pela comunidade local e por pessoas que moram na área rural do município ou em cidades vizinhas.

Não podem, ainda serem consideradas, atrações turísticas, pois são poucos os turistas que frequentam a cidade com o intuito específico de “girar” uma Folia ou mesmo, mais simplificada, ir a um “pouso de Folia”.

Não obstante vale ressaltar que a Folia do Divino de Pirenópolis, mesmo antes de ser considerada manifestação integrante da Festa do Divino Espírito Santo que foi reconhecida como patrimônio cultural do Brasil, vem tomando dimensões significativas no que se refere à divulgação de tais festividades.

Para a comunidade local as Folias são espaços que possibilitam a integração de tempos e sociedades distintas que se unem em devoção ao Divino, para quem é realizada a maior festa de Pirenópolis.

Referências

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2001.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012. 756p.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971. Vols I e II. 624p.

JAYME, Jarbas; JAIME, José Sizenando. **Casas de Pirenópolis: casas de Deus e casas dos Mortos**. Goiânia: UCG, 2002. Vol. I. 121p; Vol II. 316p.

LÔBO, Tereza Caroline; CURADO, João Guilherme da Trindade. Matriz de Festas. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia: UFG, vol. 2, n. 2, agosto, 2008. pp. 40-54.

MELO, José Marques. **As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para seu inventário no Brasil no limiar do século XXI**. Anuário UNESCO/UMESP de comunicação regional 5. São Paulo: UMESP, 2002.

MENDONÇA, Rita. Turismo, meio ambiente e impactos socioambientais. In LEMOS, Amália Inês G. (Org). **Turismo e impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. Interpretação, preservação e turismo: uma introdução. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Orgs.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. pp. 09-13.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem: estudos sistemáticos dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc**. Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. 184p.